



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O Populismo como Assassino da Alma
– Regressão e Recurso a Defesas Primitivas

Henrique Baltazar

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutor Csongor Juhos

Professor de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutor Csongor Juhos

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a
orientação do Prof. Doutor Csongor Juhos,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário
para obtenção de grau de Mestre na especialidade
de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Csongor Juhos, pelo apoio, incentivo e estímulo intelectual que me proporcionou.

À Joana Valpaços, Ana Cardoso, Filipa Ruivo, Sara Galante, Angelina Monteiro e Cristiana Paiva, pela preciosa ajuda na aplicação do instrumento.

À Rita, Matilde, João e Sofia, pela paciência que tiveram para o tempo que esta dissertação me retirou da vida familiar.

Resumo

Em muitos países do mundo, numa tendência que aparenta ser global, os populismos têm crescido de forma acentuada e consistente ao longo dos últimos anos. Este fenómeno está a gerar uma preocupação crescente entre muitos profissionais de saúde mental, designadamente psicólogos e psicanalistas, pois as características desses movimentos parecem desencadear nas pessoas o recurso a um funcionamento primitivo, com a utilização de mecanismos de defesa não-adaptativos, designadamente a clivagem. Neste estudo procurámos averiguar se se confirma empiricamente o aumento do recurso à clivagem com a exposição a discursos populistas. Para tal, delineámos um estudo *quasi-experimental*, no qual os 151 participantes foram divididos em três grupos, um dos quais recebeu como estímulo um texto com um discurso populista de direita, outro com um discurso populista de esquerda e um último com um discurso não populista. Através da escala *Splitting Index* avaliou-se a elicitação do mecanismo de defesa clivagem em cada um dos grupos. De forma paradoxal relativamente ao delineado no *Splitting Index*, mas confirmando as posições defendidas na literatura sobre o tema, conclui-se que o estímulo populista de direita desencadeia níveis mais elevados de clivagem no domínio Clivagem da Imagem dos Outros, em comparação com o estímulo não populista, e que o estímulo populista de esquerda é o que menos desencadeia a clivagem nesse domínio.

Palavras-chave: Populismo; Psicanálise; Clivagem.

Abstract

In many countries of the world, in what appears to be a global trend, populism has grown dramatically and consistently over the past few years. This phenomenon is generating growing concern among many mental health professionals, namely psychologists and psychoanalysts, as populism seems to trigger primitive states on people, conducting them to the use of non-adaptive defense mechanisms, namely the splitting. In this study, we sought to empirically verify if the exposure to populist discourses increases the use of splitting. To do so, we outlined a quasi-experimental study, in which 151 participants were divided into three groups. One of them received as a stimulus a text with a right-wing populist speech, another group received a left-wing populist speech and a last group received a non-populist speech. Through the Splitting Index scale, we evaluated the use of the splitting defense mechanism in each of the groups. Paradoxically in relation to what is outlined by the instrument, but confirming the positions expressed in the literature on the subject, it is concluded that the right-wing populist stimulus triggers higher levels of splitting on the domain Splitting of the Image of Others, than the non-populist stimulus, and the left-wing stimulus is the one that produces less levels of splitting on that domain.

Keywords: Populism; Psychoanalysis; Splitting.

Lista de Figuras

Figura 1 - Escalões etários dos participantes	28
Figura 2 - Nacionalidade dos participantes	28
Figura 3 - Escolaridade dos participantes	29

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Coeficiente do Alfa de Cronbach (α)	31
Tabela 2 - Valores do Coeficiente Alfa de Cronbach (α)	31
Tabela 3 - Comparação das dimensões em estudo em função da exposição ao tipo de estímulo	32
Tabela 4 - Comparação das dimensões em estudo e respetivos itens em função da exposição ao tipo de estímulo	33

Índice

1	Introdução	8
2	Discussão Teórica	11
2.1	O crescimento recente do Populismo	11
2.2	Conceito de Populismo	12
2.3	Causas da Emergência do Populismo	15
2.4	O Populismo e o Funcionamento Intrapsíquico	18
2.5	Objetivo do estudo	24
3	Método	26
3.1	Procedimento	26
3.2	Instrumento	27
3.3	Participantes	27
4	Resultados	30
4.1	Procedimentos de análise de dados	30
4.2	Consistência interna	30
4.3	Análise das dimensões em estudo	31
5	Discussão	34
6	Considerações Finais	37
	Referências	40
	Anexo A – Texto Populista de Direita	43
	Anexo B – Texto Populista de Esquerda	45
	Anexo C – Texto Não Populista	47
	Anexo D – Questionário: <i>Splitting Index</i>	49
	Anexo E – Escalas Invertidas e Dimensões do Questionário	53

1 Introdução

Em outubro de 2018, mais de cinco dezenas de psicanalistas, membros da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, subscreveram uma carta aberta sobre a situação política no Brasil, expressando uma grande preocupação com “o cariz destrutivo, violento, misógino, racista do discurso que uma parte da classe política brasileira, através do seu porta-voz Bolsonaro” usava para ganhar votos (Sociedade Portuguesa de Psicanálise [SPP], 2018).

A carta prosseguia alertando para o facto de uma liderança “tecida no ódio, no desejo de morte e de exclusão” constituir um ataque à democracia, ao estado de direito e às liberdades fundamentais e “fomentar a destruição, o dividir para reinar, a corrupção, o medo, o embotamento, a impossibilidade/ dificuldade de ser, de sentir e de pensar, em suma, aquilo a que o psicanalista Réfabert (2001) chama ‘assassinato da alma’” (SPP, 2018).

A tomada de posições políticas como esta é algo que está longe de ser comum entre os psicanalistas. Pese embora a análise social e política realizada desde os primeiros tempos da psicanálise – de Freud a Lacan, de Reich a Žižek, muitos psicanalistas se debruçaram sobre a forma de organização social e política, quer fossem vistos como sintomas do funcionamento humano, quer como condicionadores desse funcionamento – a verdade é que a maioria dos psicanalistas se abstêm de manifestar publicamente as suas posições políticas.

Nos casos em que tal acontece, isso é feito sobretudo em termos individuais (havendo até alguns psicanalistas, sobretudo de esquerda, que ficarem mundialmente conhecidos pelas suas posições políticas). O que é certamente raro é a tomada de posição conjunta por parte de grupos de psicanalistas, como sucedeu com a carta dos membros da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

O que predomina entre os psicanalistas é a omissão das suas posições políticas, numa atitude de neutralidade tanto em ambiente de consulta, tal como era prescrita por Freud, como na esfera da intervenção pública. Por regra, os psicanalistas escolhem não se “revelar” perante os seus pacientes, o que, na era da internet, significa absterem-se de assumir publicamente as suas opiniões políticas, pela elevada probabilidade de essa informação ficar disponível para os seus pacientes.

Nos últimos anos, porém, a posição de neutralidade política tem sido crescentemente questionada, sendo até discutido se a política constitui o último tabu da psicanálise (Geffner,

Altman, Benjamin, Jacobs & Wachtel, 2006). E, se é um tabu, então compete à psicanálise refletir sobre ele.

Esta discussão tem crescido à medida que cada vez mais psicanalistas vão concluindo que a situação política em vários países ocidentais tem evoluído de forma de tal modo negativa que coloca em risco a integridade mental das pessoas.

Foi por identificarem este risco que os psicanalistas da Sociedade Portuguesa de Psicanálise que subscreveram a carta consideraram que não podiam ser cúmplices por omissão defendendo que todos devem “ter uma atitude activa, face ao risco de tão brutal violência nos âmbitos intrapsíquico, interpessoal e social.” (SPP, 2018).

Motivos semelhantes foram invocados por um grupo de 27 psiquiatras, psicólogos e outros profissionais de saúde mental para publicarem um livro intitulado “O perigoso caso de Donald Trump” (Lee, B., 2017), em que os autores argumentaram que o funcionamento patológico do Presidente Trump estava a afetar a saúde mental da população, obrigando-os a alertar para o que estava a suceder. Este livro foi alvo de intensa controvérsia pública, pois, alegavam alguns, infringia a regra *Goldwater* da Associação de Psiquiatria Americana, que determina que nenhum psiquiatra pode fazer um diagnóstico sem contactar pessoalmente com o indivíduo, alegações que foram rejeitadas pelos autores, assinalando que fizeram um alerta e não um diagnóstico.

Independentemente de se ter tratado de alerta ou diagnóstico, o que nos parece mais relevante é que, tanto relativamente a Donald Trump como a Jair Bolsonaro, muitos psicanalistas estão crescentemente preocupados com o impacto dos fenómenos políticos no funcionamento mental das pessoas. Adicionalmente, deve ser assinalado que em ambos os casos se tratam de fenómenos políticos classificados como populistas de direita, o que não é alheio às preocupações que geram junto dos profissionais de saúde mental.

O facto de ambos os casos dizerem respeito a políticos populistas não é um acaso, pois os movimentos populistas parecem possuir características que têm um impacto particularmente pernicioso no funcionamento mental das pessoas. Assim sendo, isto é especialmente grave numa altura em que esses movimentos crescem de forma muito significativa em muitas regiões do planeta, seja em países onde lograram alcançar o poder (EUA, Brasil, Hungria, Itália, Áustria, etc.), seja onde apesar de não o terem alcançado conseguiram resultados eleitorais significativos (Reino Unido, Holanda, França, Espanha, etc.), o que significa que conseguiram

a adesão de uma parte considerável da população e passaram a influenciar a agenda política. Se os populismos estão a conduzir as pessoas para a “impossibilidade/ dificuldade de ser, de sentir e de pensar” (SPP, 2018), então muitos locais do mundo estão a tornar-se tóxicos para a saúde mental.

Além dos efeitos psicológicos individuais, são também muito importantes as consequências das políticas defendidas e prosseguidas pelos movimentos populistas (pelo menos, pelos populismos de direita) ao nível de direitos humanos como a liberdade, a igualdade de oportunidades, o respeito pelos direitos das mulheres e das minorias, a segurança individual, etc.

O compromisso da psicanálise com o humanismo traz consigo a responsabilidade de analisar, compreender e denunciar (e porque não combater?) os movimentos políticos que sejam destrutivos para a própria humanidade, pelo que é legítimo questionar se os psicanalistas não deveriam ser mais politicamente ativos.

Hanna Segal (1987), num artigo sobre os perigos de uma guerra nuclear, “O silêncio é o verdadeiro crime” (um título que é “todo um programa”), apresenta veementemente a sua posição, referindo que a maioria da comunidade psicanalítica fora da Alemanha observou silenciosamente a ascensão do nazismo e que tal não se poderá repetir. *Mutatis mutandis*, o mesmo pode ser dito em relação ao crescimento dos populismos.

Se a psicanálise, como defende Miller (2018), na sua ação permanente de trazer luz sobre o que está oculto, é a herdeira do *sapere aude* (ousar saber), de que falava Kant a propósito do iluminismo, então cumpre à psicanálise estudar os populismos, como estes operam ao nível social e intrapsíquico, e compreender quais os fatores que estão a propiciar a adesão das pessoas, tanto no que respeita aos populismos de direita como de esquerda.

Com este estudo pretende-se, portanto, compreender os mecanismos internos que o fenómeno do populismo elicit nas pessoas e que, eventualmente, estarão a promover a adesão de um número crescente de pessoas. Em particular, com recurso à teoria psicanalítica, procura-se compreender se o discurso populista, de direita e de esquerda, convoca estados de funcionamento mental primitivos, com um maior recurso à clivagem como mecanismo de defesa – o que poderá até constituir a razão (ou, pelo menos, uma parte dela) para o seu sucesso junto da população.

2 Discussão Teórica

2.1 O crescimento recente do Populismo

Para surpresa da maioria das pessoas que seguia com alguma atenção a política dos EUA, a oito de novembro de 2016, na sequência de uma intensa campanha que dividiu a população, Donald Trump foi eleito Presidente dos EUA.

Nos dias seguintes, um pouco por todo o mundo pairava um sentimento de incredulidade e perguntava-se como é tinha sido possível que os cidadãos dos EUA tivessem eleito um Presidente misógino, ignorante, agressivo e mal-educado.

Talvez por *wishfull thinking*, a esmagadora maioria dos jornalistas, comentadores e analistas políticos não acreditaram que fosse possível a eleição de um candidato que classificavam como populista e sem consistência, o que tinha levado a que a candidatura de Donald Trump tivesse sido desvalorizada desde o início, chegando ao extremo de o Huffington Post, um dos mais influentes jornais digitais dos EUA, ter decidido colocar as notícias sobre a candidatura de Trump na secção de entretenimento, considerando que a candidatura não era para ser levada a sério.

Como se veio a ver, o caso era muito sério e Donald Trump, contra o *stablishment* do seu próprio partido, ganhou as eleições primárias aos candidatos republicanos mais prováveis; e, de seguida, conquistou um apoio popular que era difícil de antever, tanto junto das faixas de eleitorado mais conservador, como de muitos eleitores habitualmente mais próximos do Partido Democrata.

Este candidato bizarro, que não hesitava em dizer as maiores barbaridades, que era divisionista e agressivo, que evidenciava estar pouco preparado e não tinha a postura adequada para o cargo mais poderoso de todo o mundo, acabaria por ser eleito Presidente dos EUA.

Pelos vistos, 2016 era o ano das surpresas políticas, pois pouco mais de três meses antes da eleição de Trump nos EUA, a Europa tinha visto os cidadãos do Reino Unido escolherem, por referendo popular, a saída do seu país da União Europeia.

Também neste caso, uma campanha assente em propostas políticas inconsistente, divisionistas, com uma visão binária da política e um antagonismo agressivo tinha conseguido vencer umas eleições com consequências políticas de enorme alcance.

Estas duas eleições vieram dar uma maior visibilidade ao fenómeno do populismo, mas a verdade é que o populismo já vinha crescendo ao longo das últimas décadas (Mudde, 2004). Apenas para referir alguns exemplos, vale a pena recordar que já em 1986, o FPÖ, da Áustria, tinha conseguido 9,6% dos votos em eleições nacionais (e conseguiu 22,5% em 1994); que, em França, Jean-Marie Le Pen obteve 14,4% logo nas eleições presidenciais de 1988 (e a partir daí conseguiu sempre resultados de dois dígitos, até passar a liderança para a sua filha, que conseguiu alcançar 34,1% em 2017); e, na Holanda, a Lista Pim Fortuyn ficou em segundo lugar nas eleições de 2002, com 16,9% dos votos.

Da Europa à América Latina, da Austrália aos EUA, o populismo tem vindo a crescer de forma assinalável e consistente nas últimas décadas, numa tendência que se pode considerar global.

Esta emergência do populismo em países muito distintos parece negar explicações que se centrem em questões conjunturais ou mesmo aspetos estruturais que sejam específicas a determinado contexto. Pelo contrário, ainda que possam existir causas específicas em cada país ou região, essas coexistirão provavelmente com causas comuns aos vários contextos.

2.2 Conceito de Populismo

Apesar do estudo do populismo não ser novo, este foi ganhando uma maior expressão à medida que, nos anos mais recentes, partidos e protagonistas políticos populistas foram conseguindo uma crescente afirmação em muitos países, até que o referendo do Brexit e a eleição de Trump fizeram soar os alarmes.

A partir de então, tem sido extensa a investigação produzida sobre o populismo, em campos tão vastos como a ciência política, a sociologia, as ciências da comunicação ou a psicologia.

Esta extensa produção implicou a revisitação do conceito do populismo que, como acontece com tantos outros conceitos, não está cristalizado, sendo tratado de forma diversa por

diferentes autores. Alguns autores (Mudde, 2017; Kaltwasser, Taggart., Espejo & Ostiguy, 2017) sintetizaram esses conceitos em três diferentes abordagens conceptuais: estratégica-política, sociocultural e ideacional.

A abordagem estratégica-política concebe o populismo como uma opção deliberada (de estratégia política) utilizada por um líder carismático que se propõe governar a partir do apoio direto e não mediado dos seus apoiantes (Weyland, 2017, citado em Mudde & Kaltwasser, 2018). Esta perspectiva tem sido alvo de crítica por, ao pôr demasiado ênfase no líder, torna-se de aplicação (e de explicação) limitada, pois apesar da maioria dos fenómenos populistas serem personalizados num líder, existem casos em que não é assim (Mudde, 2017).

A abordagem sociocultural considera a importância das características do líder, mas encara o fenómeno como relacional, tanto no que diz respeito à identificação entre líder e seguidores, como no estabelecimento de uma relação diática hostil com “um outro” que considera nefasto. A ação política do populista é realizada, assim, pelos “de baixo”, em oposição aos que fazem política a partir “de cima”. De acordo com esta perspectiva, ao possuir uma forma de fazer política diferente do *mainstream* habitual, que contesta e desafia, o líder é visto como tendo uma postura transgressiva ou chocante (Kaltwasser *et al.*, 2017).

Se essa postura é chocante para alguns, é também fator de atratividade para outros. E, igualmente importante, pelo o facto de apresentar uma postura não normativa, o líder recebe maior atenção, seja dos meios de comunicação social, seja nas redes sociais ou em quaisquer outras formas de difusão da mensagem. Ou seja, esse líder ganha maior visibilidade, mais “palco” para poder apresentar a sua mensagem e estabelecer uma relação de identificação entre ele e os eleitores.

A abordagem ideacional, por seu turno, concebe o populismo como um conjunto de ideias que dividem a sociedade entre “os puros” (que são as “pessoas comuns”) e “a elite corrupta” que não representa o povo (Mudde & Kaltwasser, 2018). De acordo com esta perspectiva, estes dois grupos, “os puros” e “a elite corrupta”, constituem dois grupos relativamente homogêneos e antagónicos, sendo que o conceito e limites de cada um (mesmo que esses limites não estejam bem definidos) é estabelecido por oposição ao outro.

De acordo com a abordagem ideacional, o populismo distinguir-se-á das ideologias clássicas – como o liberalismo, o fascismo ou o socialismo – pelo facto de ter um alcance programático bastante limitado. O populismo é, assim, concebido como uma *thin-centered*

ideology, associando-se quase sempre a outros elementos ideológicos, como o nacionalismo, o neoliberalismo ou o socialismo (Mudde & Kaltwasser, 2018), mas sempre com o elemento comum de se reclamar como a verdadeira voz do povo, que defende como o mais elevado e irrestrito valor, numa conceção da política como a representação da “verdadeira” vontade popular, que os populistas consideram ser subvertida pelos políticos tradicionais.

Para Segul (2019), a força da abordagem ideacional reside na sua definição minimalista e na sua versatilidade, sendo aplicável a diferentes formas de populismo, da extrema-direita à extrema-esquerda, e permitindo análises comparativas. Ao oferecer uma compreensão ao mesmo tempo mais global e mais operativa do fenómeno do populismo, esta abordagem tornou-se dominante na literatura, sendo nela, ainda que com pequenas variantes, que se ancoram a esmagadora dos estudos mais recentes.

Existe ainda uma importante linha teórica que, apesar de poder ser vista como integrando a abordagem sociocultural, merece aqui ser autonomizada. Trata-se da análise do populismo desenvolvida por Ernesto Laclau, importante teórico pós-marxista, que marcou parte importante da investigação e produção teórica sobre o fenómeno. De acordo com este autor, o populismo consiste num movimento radicalmente democrático, construído discursivamente (para Laclau, que é pós-estruturalista, a realidade é construída discursivamente) em torno de um conceito de “povo”, no sentido de “os de baixo” (*the underdog*), que é mobilizado contra aqueles que detêm o poder (Laclau, 2005, Mouffe, 2018).

Uma especificidade desta forma de encarar o populismo é atribuir aos movimentos populistas um importante papel na evolução da sociedade, numa espécie de contraponto e combate ao liberalismo, que se concretiza quando existem condições sociais que o propiciam e surgem atores políticos capazes de dar sentido ao sentimento popular. Para Laclau (2005), os movimentos populistas surgem quando necessidades sociais importantes são unidas através de um significante – como um líder político, um inimigo comum, etc. –, concretizado numa identificação comum e numa unidade de grupo, que pode consubstanciar-se tanto através movimentos populistas de direita como de esquerda.

É a partir desta perspetiva e da análise do estado atual da sociedade que Mouffe (2018) conclui que vivemos um momento populista, defendendo que a esquerda deverá desenvolver estratégias populistas (com a radicalização da social-democracia), caso contrário a direita ocupará sozinha esse espaço social e político, conquistando o eleitorado sem que a esquerda se consiga colocar à altura desse pulsar social.

É de assinalar que, pese embora esteja longe de ser predominante, a linha de pensamento de Laclau (que se considera ter sido inspiradora de partidos como o Podemos, em Espanha, ou o Syriza, na Grécia) continua a ser prosseguida por vários autores, o que não é indiferente ao facto de esta linha teórica ter subjacente uma possibilidade de práxis política que lhe confere uma utilidade prática de grande importância: a legitimação de movimentos populistas de esquerda, para fazer frente à deriva neoliberal dos últimos anos e contrariar o crescimento dos partidos políticos de direita.

Um aspeto comum nas várias conceções de populismo, seja de esquerda ou de direita, é uma visão binária da sociedade e da política, motivo pelo qual o populismo pode ser considerado maniqueísta (Mudde, 2004), tanto mais que os populistas partilham uma distinção moral e maniqueísta entre “os puros” e “a elite corrupta” (Mudde, 2018).

Assim, apesar de os populismos de esquerda e de direita se encontrarem em campos opostos do espectro político e, naturalmente, defenderem posições que são muitas vezes diametralmente opostas, as estratégias que utilizam serão essencialmente as mesmas. A diferença residirá, portanto, na identidade dos grupos sobre os quais se constrói a díade hostil que reforça a identidade do grupo de pertença: no caso dos populistas de direita, o grupo de referência é tendencialmente nativista, com o conceito de “pessoas comuns” a ter sobreposições com a ideia de nacionalidade, em oposição aos “outros” e às elites, que se aproveitam das “pessoas comuns”; no caso dos populistas de esquerda, as “pessoas comuns” são sinónimo dos “de baixo”, que se opõem ao grupo dos ricos e dos poderosos.

2.3 Causas da emergência do populismo

O estudo do populismo esteve, até recentemente, centrado sobretudo no lado da oferta (*supply-side*) do fenómeno, fosse na análise da personalidade dos líderes populistas, das suas estratégias de comunicação, discursos, estética ou outros aspetos. O estudo sistemático do lado da procura (*demand-side*) é relativamente recente (Mudde, 2018), mas é essencial para se compreender como é que as mensagens populistas (oferta) – consideradas aqui no seu sentido mais amplo (ideias, discursos, estética, etc.) – se relacionam e comunicam com o lado da procura. Ou seja, o como e o porquê de o populismo ser recebidas pelas pessoas de determinada forma.

No âmbito da ciência política, tem sido crescente a produção de literatura sobre as condições socioestruturais que favorecem o crescimento do populismo (sobretudo de extrema-direita), existindo consideráveis evidências de que as crises económicas são “solo fértil” para o seu crescimento (Mols & Jetten, 2016).

Apesar disso, constata-se que também em momentos de crescimento económico e desemprego baixo houve um número significativo de partidos populistas em diferentes países que cresceram de forma acentuada (Mols & Jetten, 2016). Assim, apesar de a situação económica negativa poder ser propícia ao crescimento do populismo, ela não poderá ser certamente a sua única causa.

A principal explicação que tem sido avançada é que o crescimento económico não se traduz necessariamente na redução das desigualdades sociais. De acordo com Thomas Piketty (2014), no seu influente *bestseller* “O capital no Século XXI”, o que se verifica é que o crescimento económico – ao contrário do que é prescrito pela doutrina económica liberal – não resulta em prosperidade para a globalidade dos cidadãos. Pelo contrário, existem causas estruturais no capitalismo (o património herdado e as taxas de rendibilidade dos capitais superiores à taxa de crescimento da economia) que levam ao crescimento das desigualdades mesmo em tempos de prosperidade económica.

Estas conclusões vão ao encontro da perspetiva de Reich (2012), que defende que são as desigualdades crescentes, mais do que a situação da economia, a causa do crescimento do populismo.

Em contraponto com as explicações de cariz socioeconómico que apontam a causa para o crescimento do populismo na existência de condições materiais – sobretudo a desigualdade agravada com a crise económica global mais recente –, que estariam a tornar as pessoas mais recetivas aos discursos populistas e antissistema, alguns autores têm assinalado que o que está em causa não são as condições materiais *per se* (que, apesar de poderem existir e exercer o seu contributo, não terão o papel determinante ou, pelo menos, não serão suficientes), mas a existência de determinado tipo de sentimentos partilhados no seio de grupos.

Foi nesta linha que Hameleers e Vreese (2018) desenvolveram uma investigação em que distinguiram a privação material efetiva do sentimento de privação material relativa (ou a perceção da sua ameaça) e as suas consequências na adesão ao populismo, concluindo que é sobretudo a perceção de privação relativa (ou seja, o resultado da comparação com outros) que

está associada ao populismo. Isto ocorrerá porque a percepção de privação relativa está relacionada com o sentimento de que o grupo de pertença sofre de injustiça (ou se encontra sob ameaça dela) relativamente a grupos externos (vistos como adversários), desenvolvendo-se uma culpabilização desses adversários pela injustiça sofrida, num funcionamento maniqueísta, que é característico dos populismos.

Uma outra linha de estudo tem-se debruçado sobre o posicionamento dos partidos políticos e o seu efeito nas pessoas. A ideia subjacente a esta abordagem é que os partidos e atores políticos criam um espaço de identificação para os cidadãos, o que leva a que o posicionamento que os primeiros assumem tenha consequências na forma como os cidadãos se relacionam com eles e com as ideias que representam.

Consequentemente, as mudanças operadas nos partidos políticos – como, por exemplo, a “Terceira Via” inaugurada pelo Labour, no Reino Unido, e seguida depois pela maioria dos partidos sociais-democratas da Europa – podem levar a mudanças nas possibilidades de identificação por parte dos cidadãos, não apenas relativamente aos partidos em si, mas ao núcleo das ideias que representam. Prosseguindo o exemplo, algumas pessoas terão passado a identificar-se com o New Labour, enquanto outras terão passado a identificar-se com outros partidos ou movimentos, e outras, ainda, terão ficado sem uma verdadeira possibilidade de identificação política. Estas últimas, ficando sem um campo político a que se pudessem identificar, terão ficado disponíveis para novas identificações, nomeadamente aos movimentos e partidos populistas, que possuem as soluções salvíficas para todos os problemas.

Dentro desta linha de estudo, Berman (2019^a, p. 000) considera que o populismo deve ser “entendido como um sintoma ou um reflexo da insatisfação crescente que emerge quando os cidadãos acreditam que elites, os partidos e os governos não querem ou não conseguem responder às suas necessidades”, levando a que passem a identificar-se com movimentos políticos que se opõem ao sistema político.

Para esta autora, a emergência do populismo ao longo das últimas décadas está relacionada com o facto de os sociais-democratas terem deixado de se apresentar como críticos do capitalismo e defensores dos direitos sociais, passando a defender posições diferentes das de muito do seu eleitorado tradicional e a apresentar a sua missão de forma muito semelhante ao discurso da direita (Berman, 2019b), implicitamente aceitando os pressupostos políticos e económicos ditados pela direita (rigor orçamental, promoção da concorrência, desenvolvimento dos mercados, competitividade da economia, etc.) e colocando o foco na competência das dos

atores políticos e não nas diferenças políticas essenciais entre os partidos (as diferenças ideológicas). Com a esquerda tradicional incapaz de representar e capturar eleitoralmente a crescente insatisfação social, pois parte do seu eleitorado deixou de se identificar com ela, ter-se-á apresentado uma oportunidade de ouro para a emergência do populismo.

A mudança no seio dos partidos é também estudada por Piketty (2018), que conclui que existe uma ligação efetiva entre as desigualdades e o populismo, mas que ambos os fenómenos (desigualdades e populismo) encontram explicação numa profunda transformação dos partidos tradicionais a favor das elites. Se no passado os principais partidos tinham uma identidade de classe, com os partidos sociais-democratas a representarem as classes com rendimentos mais baixos e os partidos de direita a representarem as classes mais ricas, agora os sociais-democratas representam a população mais instruída, enquanto a direita continua a representar as classes mais ricas. Aí residirá, portanto, uma das causas para o crescimento das desigualdades, pois terá deixado de haver entre os principais partidos quem represente e defenda as classes de menores rendimentos; mas tal será, também, a causa para que essas classes não se identifiquem com a social-democracia, deixando o campo aberto para a sua identificação com os políticos populistas.

2.4 O Populismo e o Funcionamento Intrapsíquico

A análise do lado da procura (*demand-side*) não estaria completa sem a análise daquilo que se passa relativamente ao populismo no domínio intrapsíquico, ou seja, nos domínios da psicologia e, particularmente, da psicanálise.

Para abordar estes domínios vale a pena revisitar Freud (1921, p. 127), que considerava que o funcionamento dos indivíduos quando inseridos num grupo teria características particulares, marcada por um “quadro inequívoco de regressão da atividade mental a um estágio anterior”. De acordo com o Freud, isto acontecia de forma espontânea nos grupos comuns, mas essa regressão poderia ser controlada nos grupos organizados e artificiais, como é o caso das instituições.

Para Freud (1921), o indivíduo, quando inserido num grupo, afasta a repressão dos seus impulsos inconscientes, apresentando características novas, que são na realidade as manifestações desse inconsciente, que Freud considerava conter tudo o que é mau na mente

humana. Assim, era fácil de compreender o desaparecimento da consciência ou do sentido de responsabilidade que ocorria quando o indivíduo estava integrado num grupo.

Freud considerava que o que integrava o indivíduo numa massa/multidão era de ordem libidinal, explicando a coerência da massa em termos do princípio do prazer, isto é, da gratificação sentida pelos indivíduos por se entregarem a uma massa Adorno (1951).

Construindo sobre a teorização de Freud, Adorno (1951) defende que o que o demagogo faz é incitar regressões arcaicas que reduzem o indivíduo a membro de uma multidão, considerando que as ideologias fascistas mobilizam processos regressivos inconscientes que existem em todos nós.

Há poucos anos diríamos que a análise de Adorno seria historicamente datada, no sentido em que correspondia a uma realidade que tinha ficado para trás na História, pois as condições eram muito distantes das que existem hoje e que tanto a sociedade como a consciência individual tinham evoluído de tal forma que a análise de Adorno não se aplicaria aos dias de hoje. Porém, o recente crescimento dos populismos obriga-nos a repensar essa perspetiva.

Apesar das condições sociais e históricas terem mudado, as características essenciais do funcionamento humano são essencialmente as mesmas desde, pelo menos, a antiguidade clássica, época em que se fixaram na literatura os dilemas, conflitos e angústias da humanidade – que ainda hoje, não por acaso, mantêm a sua atualidade.

Consequentemente, a extensa reflexão produzida pela psicanálise acerca dos fascismos – o que, naturalmente, se explica pela gravidade e dimensão das atrocidades cometidas por estes movimentos, mas também pela perplexidade que suscita o facto de tantas pessoas a eles terem aderido – mantêm, assim, toda a relevância na análise dos mais recentes populismos sob um ponto de vista da teoria psicanalítica.

Existindo, obviamente, uma grande diferença entre os fascismos de outrora e os populismos de hoje, devemos ter presente que os mecanismos subjacentes à adesão a uns e a outros não diferem assim tanto, existindo sintomas que sugerem que o mesmo tipo de funcionamento psico-político está a emergir em muitos lugares do mundo (Kemp, 2018).

Trata-se do funcionamento que Covington (2018) descreve como *mindlessness*, ou seja, um estado mental e as ações correspondentes que impedem e atacam o desenvolvimento psíquico numa retirada narcísica. Estas defesas narcísicas, que correspondem aos aspetos

omnipotentes da nossa mente, teriam a função de defender o ego contra a ameaça externa e a aniquilação.

De acordo com Hoffman, “podemos supor que mecanismos de defesa não-adaptativos, como a negação e a projeção, são utilizados não apenas por indivíduos, mas por grupos, quando se sentem vulneráveis e ameaçados por estados emocionais intoleráveis” (Hoffman, 2018, p. 284). Para este autor, esses grupos tentam lidar com essa experiência traumática através de defesas não adaptativas, como a negação e a projeção.

Esta perspectiva comunica com a posição de Bion (Pracana, 2001), para quem o funcionamento dos grupos se aproxima de um tipo de comportamento psicótico, com uma forte ligação dos elementos emocionais às angústias arcaicas, o que leva a que os grupos (e as pessoas que os compõem) tomem ações defensivas quando a pressão exercida por essas angústias se torna muito elevada.

O que sucede com a ação dos líderes populistas é que esta promove ou reforça a utilização de mecanismos de defesa não-adaptativos por parte de pessoas que se sentem em situação de vulnerabilidade (Hoffman, 2018).

A utilização de mecanismos de defesa primitivos é consistente com a posição de Freud (1921), aqui já referida, de que as pessoas, quando em grupo, teriam um funcionamento regredido. Com um funcionamento mais primitivo as angústias são mais avassaladoras, pelo que as pessoas utilizam mecanismos de defesa também eles mais primitivos.

Esse funcionamento regredido é de natureza paranoide/esquizoide, caracterizado pela negação, a projeção e a clivagem (Segal, 1987). Esses mecanismos de defesa primitivos existem ao nível dos indivíduos, mas que existem também no comportamento dos grupos onde, na verdade, podem até ser mais fortes (Segal, 1987).

Para Wieland (2014, citado em Kemp, 2018), a ideologia e os comportamentos dos movimentos fascistas refletem as fantasias inconscientes que, num crescimento “normal”, ficam para trás quando a criança abandona a fase pré-edípica. Quando as pessoas estão sujeitas a situações de grande stress, pode surgir a tendência para voltar a esses estados arcaicos, levando o sujeito para um mundo de objetos bizarros, idealização e paranoia.

Assim, grupos sociais que se sintam em situação de *stress* encontram-se mais disponíveis para aderir a discursos e posições populistas. Ou, para sermos mais exatos, pessoas com uma

forte identificação a grupos sociais que percecionem como estando sob situação de *stress* estão mais disponíveis para aderir a discursos e posições populistas.

É o que sucede com grupos que se sintam fragilizados na sua autoestima e no seu sentimento de empoderamento (Hoffmann, 2018), ou que se sintam humilhados ou ameaçados (Covington, 2018), correspondendo ao que Volkan (2001) classifica como ansiedade identitária de grande grupo, que surge quando a identidade tradicional de um grupo é ameaçada, gerando ansiedade acerca da sua subsistência em termos culturais, físicos ou psíquicos.

A combinação de grupos vulneráveis com um líder que fomente a discórdia e a agressividade, em vez de promover a conciliação e a cooperação, pode, então, ter como consequência o reforço de defesas não-adaptativas como a negação e a projeção, que as pessoas do grupo utilizam para se defenderem contra emoções negativas com que não conseguem lidar (Hoffman, 2018).

Grupos vulneráveis podem vivenciar emoções negativas muito fortes, que podem até ser insuportáveis (Hoffman, 2018). Estas emoções podem derivar da percepção (ou da ameaça) de perda material, de importância social, de identidade de grupo, ou mesmo do sentimento de humilhação. É esse sentimento de perda ou ameaça que os populistas exacerbam, culpando “os outros” (os extra-grupo) pelos problemas do grupo e negando as explicações complexas e as dificuldades que podem estar envolvidas na resposta aos problemas (Hoffman, 2018); culpando os outros, utilizam um ingrediente precioso para cimentar a união do grupo de pertença. Freud (1930), em “O mal-estar na civilização”, afirma que podemos amarmo-nos dentro do grupo, desde que haja quem possamos odiar fora do grupo.

Um outro aspeto importante para a união do grupo e para fomentar a adesão a ele é a gratificação narcísica trazida pela pertença a um grupo, particularmente para quem sente a ferida narcísica da humilhação, da ameaça de perda material ou de estatuto social.

O sentimento de que não têm já a possibilidade de aspirar à realização dos ideais do seu grupo social e os sentimentos de fracasso vividos no seio do grupo geram uma pressão para curar as feridas narcísticas, através do reviver de um passado glorioso (Covington, 2018). Desse modo, o grupo usa a nostalgia política (de um tempo de glória que pode ou não ter ocorrido) como forma de mitigar a angústia de grupo. Esta nostalgia é criada como uma defesa contra a perda, com a promessa de que tudo poderá voltar a ser grandioso (Covington, 2018).

A ressonância desta perspectiva com o slogan *Make America Great Again*, de Donald Trump, não poderia ser maior. O sentimento de parte da população de que tinha ficado para trás no processo de modernização (nas regiões industriais da *Rusty Belt* que sofreram com a deslocalização das fábricas), daqueles que sentiram a sua identidade grupal ameaçada (pelo número de imigrantes, sobretudo no Sul dos EUA), ou aqueles que viram os seus valores ameaçados por uma sociedade crescentemente progressista (afirmação das pessoas LGBT+, direitos das mulheres, etc.) constituíram importantes grupos de apoio à eleição de Donald Trump.

Nesse processo, como em todos os populismos, terá sido determinante consolidação da identidade de grupo, “os puros” – que se consideram injustiçados relativamente à “elite corrupta” e aos extra-grupo – que beneficiam da gratificação inerente à pertença a um grupo que é narcisado por um líder forte.

Os líderes populistas procuram unir o grupo, ao mesmo tempo que excluem os que não os apoiam (Hoffman, 2018). É assim que, por paradoxal que possa parecer, quando um populista fala do povo, ele não se refere a todo o povo, mas apenas a uma parte dele. Ou seja, a identidade deste povo que o populista diz representar não é feita de forma inclusiva (agregando os cidadãos de um país), mas por exclusão dos “outros”, os extra-grupo, o que tem contornos variáveis e pode excluir partes significativas da população (o “povo” de Bolsonaro não inclui homossexuais, comunistas, intelectuais, “petistas”, etc.).

Quanto aos restantes, “os outros” esses são deslegitimados, acusados de pertencerem às elites – sejam as económicas, os meios de comunicação social, os progressistas, os urbanos, os homossexuais, ou mesmo as minorias raciais (acusadas de serem favorecidas por quotas ou pelo politicamente correto).

Relativamente a esses “outros” desenvolve-se um sentimento de ressentimento, envolvendo emoções como a frustração, a inveja e a angústia, que é largamente considerado como a base afetiva das formas de populismo reacionário (Hoggett, 2018).

Para Crociani-Windland (2012), o ressentimento é virado contra o *self*, mas de uma forma que proporciona prazer. Assim, a queixa (a ferida sentida que proporciona o sentimento de injustiça) é acarinhada, pois será fonte de um perverso e masoquista sentimento de prazer.

Ao acarinhar (e ruminar) a queixa, o grupo assegura a gratificação masoquista da vitimização e o narcisismo moral da posição de vítima, legitimando a agressão aos “outros”

através das acusações e queixas (Hoggett, 2018). Como afirmava Jessica Benjamin, em 2004, numa mesa redonda com mais três psicanalistas, intitulada “*Is politics the last taboo in psychoanalysis?*” (Geffner, Altman, Benjamin, Jacobs & Wachtel, 2006, p. 174), os fundamentalistas (referindo-se a grupos de direita radical dos EUA) “sentem-se no direito de estar numa posição na qual os outros merecem a sua ação retaliatória porque, paradoxalmente, eles estão sempre a agir (*acting out*) a partir de uma posição de suposta vitimização”, o que transformam numa posição sádica.

Este binómio vitimização-agressão, que ocorre a nível intrapsíquico, é ilustrativo do funcionamento geral do populismo e de como a exacerbação das queixas pelo populista (a vitimização do grupo) se torna, afinal, numa posição agressiva (sádica) contra “os outros”, os extra-grupo, sejam “as elites”, os países estrangeiros, os imigrantes ou minorias acusadas de serem favorecidas (invertendo a problemática das minorias, a maior parte das quais são, por norma, desfavorecidas).

Tragicamente, isto traz à memória como o forte antissemitismo que se tinha disseminado na Europa antes da Segunda Guerra Mundial ajudou a criar o caldo de cultura que contribuiu para que houvesse conivência e até colaboração com a perseguição aos judeus (não apenas na Alemanha, mas também em muitos dos países ocupados). A campanha contra os judeus antes da Guerra (na verdade, uma campanha milenar, mas que então se intensificou) responsabilizou-os por muitos dos males de que padeciam os países e os povos (as vítimas). Esta posição de vítimas ajudou a legitimar as agressões que se seguiram; as vítimas transformaram-se em agressores.

É importante notar que a perceção de que o grupo de pertença é alvo de injustiça ou de que se é vítima de um trauma nacional pode ser a consequência de se aderir a uma narrativa populista e não necessariamente a causa da adesão (Kemp, 2018). Por vezes, as queixas até têm muito pouca razão de ser, mas a ideia de que o grupo é vítima de uma injustiça vai-se consolidando no grupo e vai-se tornando uma realidade – uma realidade criada discursivamente pelo populismo.

Como Freud (1921, p. 91) assinalava, “os grupos nunca ansiaram pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; são quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro” – observação que, em tempos de “pós-verdade” e “factos alternativos”, não poderia ter mais atualidade.

2.5 Objetivo do estudo

Ao apresentar a realidade social e política de um modo binário e maniqueísta, numa visão clivada da realidade, os populistas colocam-se no campo positivo e atribuem aos seus antagonistas o lado negativo, contra quem é despejada a agressividade, cumprindo o funcionamento do binómio vitimização-agressão.

Quando exacerbada, a agressividade contra “os outros” é colocada ao nível dos sentimentos de ódio (ódio aos judeus, aos muçulmanos, etc.), mas pode ser agida também através de formas de violência, o que tem resultado no aumento da violência contra minorias na sequência de campanhas populistas.

Se nos lembrarmos da famosa frase de Mark Twain, de que “a História não se repete, mas por vezes rima”, não poderemos deixar de nos preocuparmos seriamente com o crescimento dos populismos e as consequências que eles possam vir a ter.

A compreensão deste fenómeno reveste-se, por isso, da maior importância, não apenas do ponto de vista da produção do conhecimento, mas também para que esse conhecimento forneça pistas de atuação para evitar que o *mindlessness* (Covington, 2018) evolua até um ponto em que se tenha ido longe demais.

Importa, então, desenvolver estudos empíricos que permitam avaliar os efeitos da exposição ao populismo sobre o funcionamento mental, averiguando se o populismo estimula, efetivamente, o funcionamento primitivo nos recetores das suas mensagens.

Como tal, no âmbito desta dissertação realizámos um estudo com o objetivo de compreender se a exposição a discursos populistas afeta o recurso à clivagem, entendida como mecanismo de defesa primitivo.

Considerando a literatura sobre o tema, nomeadamente sobre os diferentes matizes dos populismos de direita e de esquerda, estabelecemos a hipótese de a exposição a discursos populistas, quer de direita, quer de esquerda, provocarem nos participantes um maior recurso à clivagem, comparativamente com a exposição ao discurso não populista.

Assim, delineámos um estudo em que expusemos três grupos de participantes a: i) um discurso populista de direita, ii) um discurso populista de esquerda e iii) um discurso não populista; a exposição a estes discursos constitui, portanto, a variável independente deste

estudo. Na sequência dessa exposição, os participantes preencheram um questionário para avaliar o recurso ao mecanismo de defesa clivagem, que constitui a variável dependente, composto por três dimensões: Clivagem da Imagem do Self, Clivagem da Imagem da Família e Clivagem da Imagem dos Outros.

3 Método

3.1 Procedimento

Para averiguar se a exposição a diferentes discursos (populista de direita, populista de esquerda e não populista) resulta em diferentes níveis de recurso ao mecanismo de defesa clivagem, delineámos um estudo *quasi-experimental*.

Neste estudo, foram aleatoriamente distribuídas pelos participantes três versões do instrumento, que se distinguiam por cada uma conter um discurso de tipologia diferente. Assim, cada participante ficou com uma versão em papel do instrumento, constituído por um discurso político, seguido de um questionário para avaliar o recurso à clivagem e por um breve questionário sociodemográfico.

A aplicação do instrumento foi realizada em contexto de sala de formação profissional, sendo o instrumento apresentado em papel.

Antes de se dar início à aplicação do instrumento foi transmitido aos participantes o âmbito do estudo (dissertação de mestrado em Psicologia Clínica), o seu objetivo genérico (perceber o efeito da exposição a algumas mensagens políticas) e foi assegurado o caráter anónimo, confidencial e voluntário da participação no estudo.

Após a recolha do instrumento, os dados foram inseridos em formato de base de dados em Excel, depois transferidos para a ferramenta informática *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), para realização da análise estatística.

3.2 Instrumento

Foram desenvolvidas três versões do instrumento, que apenas se diferenciavam pelo facto de possuírem, na sua primeira parte, textos políticos de orientação distinta, que constituíam diferentes estímulos. Assim, uma das versões do instrumento apresentava um texto populista de direita, outra das versões tinha um texto populista de esquerda e uma terceira tinha

um texto não populista. Os três textos tinham a mesma apresentação gráfica e dimensões semelhantes (cerca de 3.000 caracteres).

De modo a assegurar que as mensagens apresentadas nos textos eram consistentes com as orientações políticas que se pretendia, os textos foram adaptados (com vista à sua adequação à realidade portuguesa) a partir de discursos e entrevistas reais, da autoria de protagonistas políticos relativamente aos quais existe consenso na literatura quanto ao seu posicionamento: o texto populista de direita foi adaptado de um discurso de Donald Trump, duas entrevistas de Jair Bolsonaro e uma entrevista de André Ventura; o texto populista de esquerda foi adaptado a partir de um discurso de Pablo Iglésias; o texto não populista foi adaptado a partir de um discurso de Barack Obama.

Na segunda parte do instrumento era apresentado um questionário (comum às três versões) em que se avaliava o recurso à clivagem. Trata-se de um questionário, denominado *Splitting Index*, que foi desenvolvido por Gould, Prentice & Aislie (1996). É aplicado através de autopreenchimento, com uma escala de tipo Likert de 5 pontos (de 1- Discordo Totalmente a 5- Concordo Totalmente). Possui 24 itens, 12 dos quais se apresentam invertidos (*vide* Anexo E), que correspondem a três subescalas (cada uma com 8 itens): Clivagem da Imagem do Self, Clivagem da Imagem da Família e Clivagem da Imagem dos Outros. Para a realização deste estudo, os itens do questionário foram traduzidos para português.

De acordo com Gould, Prentice & Aislie (1996), o *Splitting Index* constitui uma ferramenta fiável, e eficiente para a utilização em investigações empíricas em que se pretenda avaliar o mecanismo de defesa clivagem, motivo pelo qual se considerou adequada a sua utilização no presente estudo.

Na terceira parte do instrumento foram colocadas algumas questões com vista à caracterização sociodemográfica dos participantes.

3.3 Participantes

Este estudo envolveu um grupo de 151 participantes, dos quais 91% eram mulheres e 9% homens, com idades entre os 18 e os 55 anos, e uma média etária de 30 anos (desvio padrão de 9,4), distribuídos pelos escalões etários que se apresentam na Figura 1.

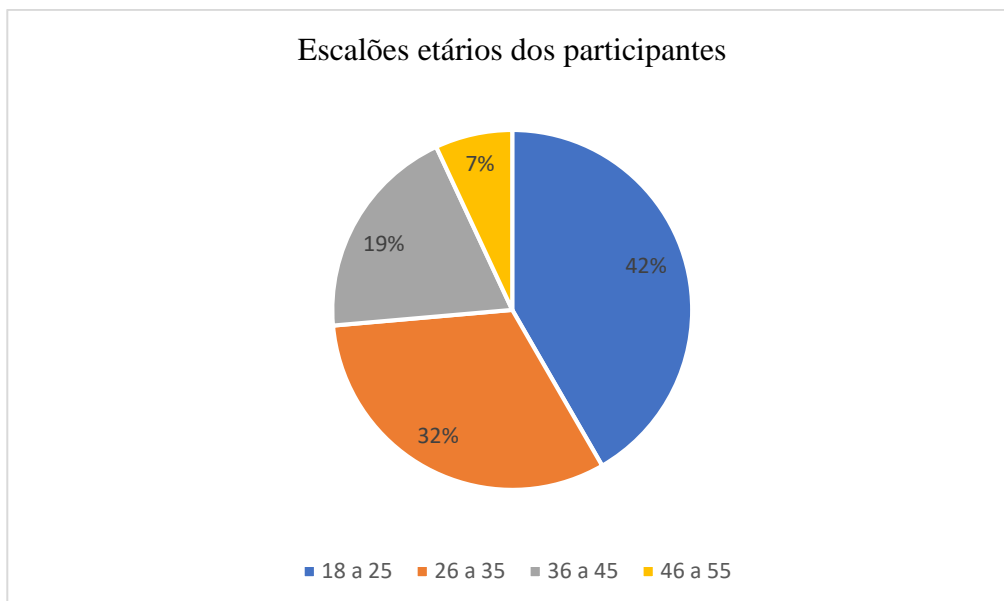


Figura 1. Escalões etários dos participantes

A maioria dos participantes era de nacionalidade portuguesa, existindo também um número significativo de brasileiros, assim como alguns angolanos, romenos e outras nacionalidades, com a distribuição que se pode constatar pela análise da Figura 2.

Todos os participantes tinham um perfeito domínio da língua portuguesa, o que constituía um fator de seleção dos participantes.

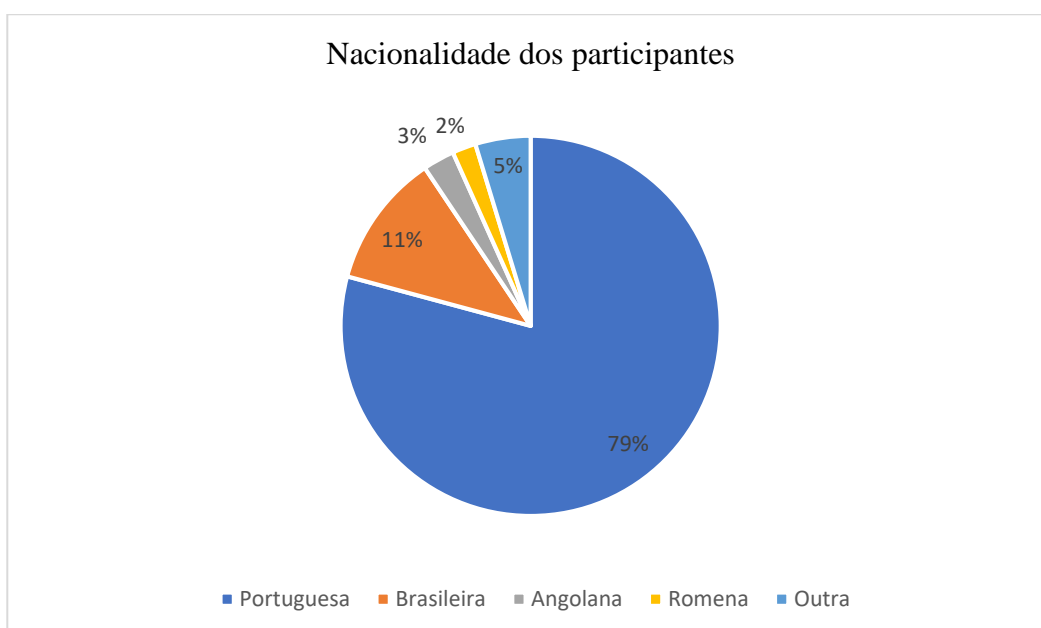


Figura 2. Nacionalidade dos participantes

Relativamente às habilitações académicas, os participantes situavam-se entre o 9º ano de escolaridade e o mestrado, mas com um claro predomínio do 12º ano, tal como é apresentado na Figura 3.

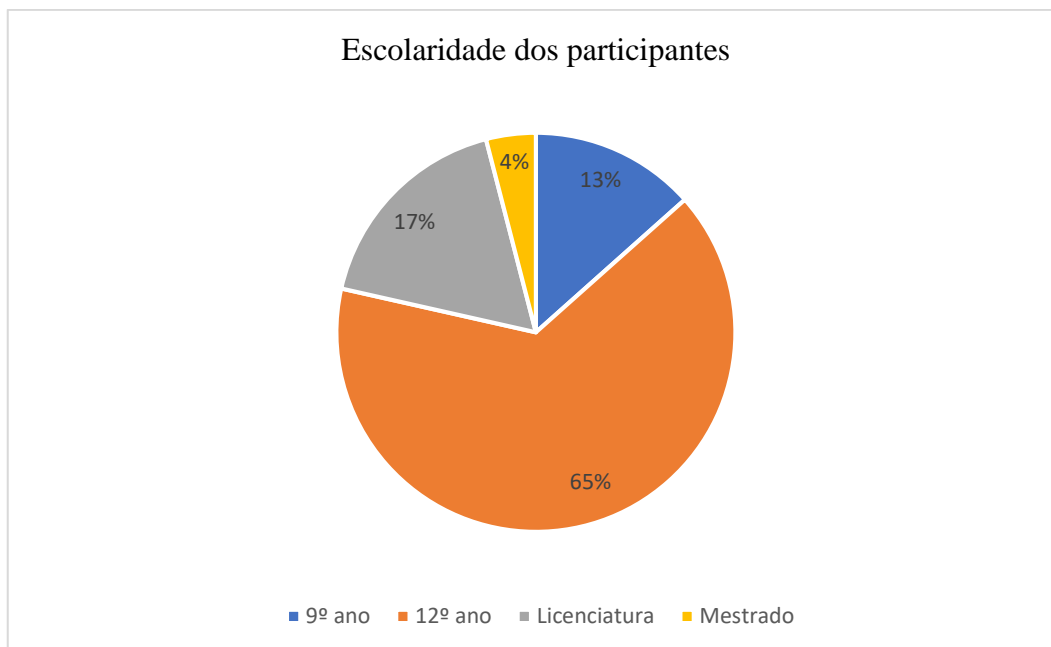


Figura 3 - Escolaridade dos participantes

4 Resultados

4.1 Procedimentos de análise de dados

Para a apresentação dos dados recorreu-se ao uso de tabelas, com os dados estatísticos antecedidos de análise.

A análise dos dados foi realizada através de estatística descritiva e inferencial, utilizando-se o software SPSS-24.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*), tendo sido invertida a escala dos itens invertidos.

Para realização da análise inferencial e tendo em consideração o cumprimento dos critérios necessários para a realização de testes paramétricos, e após realizado o teste da normalidade de Kolmogorov Smirnov, cuja Hipótese Nula (H_0) é que os dados estão normalmente distribuídos, e dado que o resultado do pvalue foi ($p < 0,05$) para as variáveis em estudo, rejeitamos a Hipótese Nula (H_0) e assumimos que a amostra não segue uma distribuição normal.

Nesse sentido, para comparar as variáveis em estudo em função dos três tipos de exposição aos estímulos (texto populista de direita, texto populista de esquerda e texto não populista), foi aplicado o teste de Kruskal-Wallis, que é o teste não-paramétrico apropriado para comparar as distribuições de duas ou mais variáveis pelo menos ordinais observadas em duas ou mais amostras independentes (Marôco, 2014).

4.2 Consistência interna

A determinação da fidelidade foi verificada utilizando o método de consistência interna.

De acordo com o sugerido Pestana & Gageiro (2008), o Alfa de Chronbach deve ser superior a 0,70, o que nos indica fidelidade, correlação e homogeneidade dos itens, e permite ter um bom grau de confiança e exatidão dos mesmos valores ao longo do tempo.

A consistência interna do Total da Escala (Splitting Index) foi ($\alpha=0.857$); e da subescala da Clivagem da Imagem da Família ($\alpha=0.812$) o que sugere uma boa consistência interna, pois o seu Alfa de Cronbach encontra-se acima do 0,80; bem como uma consistência interna razoável para a Clivagem da Imagem do Self ($\alpha=0.751$) e para a Clivagem da Imagem dos Outros ($\alpha=0.796$).

Tabela 1

Coefficiente do Alfa de Cronbach (α)

	Nr. Itens	Alpha de Cronbach
Total da Escala (Splitting Index)	24	0,857
Clivagem da Imagem do Self	8	0,751
Clivagem da imagem da Família	8	0,812
Clivagem da imagem dos Outros	8	0,796

Tabela 2

Valores do Coeficiente Alfa de Cronbach (α)

Alfa de Cronbach (α)	Consistência Interna
1,00 - 0,90	Muito boa
0,80 - 0,90	Boa
0,70 - 0,80	Razoável
0,60 - 0,70	Fraca
$\leq 0,60$	Inadmissível

Fonte: Pestana & Gageiro (2008)

4.3 Análise das dimensões em estudo

Os resultados obtidos demonstram que não existem diferenças estatisticamente significativas no Total da Escala *Splitting Index* entre os grupos que foram sujeitos aos diferentes estímulos (*vide* Tabela 3).

Da comparação das três dimensões em estudo (sub-escalas) em função da exposição ao tipo de estímulo (*vide* Tabela 3) constatamos que existem diferenças estatisticamente significativas na Clivagem da Imagem dos Outros ($p=0,049$), cuja média foi superior no grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo populista de esquerda (média=2,42), seguindo-se o grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo não populista (média=2,30) e com o grupo que esteve exposto ao estímulo populista de direita a obter a média mais baixa (média=2,05).

Nas dimensões Clivagem da Imagem do Self e Clivagem da Imagem da Família não se obtiveram resultados estatisticamente significativo.

Tabela 3

Comparação das dimensões em estudo em função da exposição ao tipo de estímulo

	Populista Direita		Populista Esquerda		Não Populista		p
	(n=53)		(n=47)		(n=51)		
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp	
Total da Escala	2,12	0,56	2,33	0,67	2,30	0,53	0,191
Clivagem da Imagem do Self	2,50	0,74	2,73	0,83	2,85	0,81	0,059
Clivagem da imagem da Família	1,82	0,80	1,85	0,89	1,77	0,72	0,966
Clivagem da imagem dos Outros	2,05	0,62	2,42	0,79	2,30	0,68	0,049

(1=Discordo Totalmente | 5=Concordo Totalmente)

Da comparação dos itens em estudo em função da exposição ao tipo de estímulo (*vide* Tabela 4) constatamos que existem diferenças estatisticamente significativas em dois itens da dimensão Clivagem da Imagem do Self.

No item “1. Sinto-me diferente em relação a mim próprio quando estou com pessoas diferentes” obtiveram-se resultados estatisticamente significativos ($p=0,008$), cuja média foi superior no grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo não populista (média=2,63), seguindo-se o grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo populista de esquerda (média=2,23), que comparam com uma média mais baixa (média=1,91) do grupo que foi exposto ao estímulo populista de direita.

Obtiveram-se também resultados estatisticamente significativos no item “14. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio não mudam facilmente” (escala invertida) ($p=0,015$), cuja média foi superior no grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo populista de esquerda (média=2,81), seguindo-se o grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo não populista (média=2,75) e com o grupo que foi exposto ao estímulo populista de direita a obter um valor bastante inferior (média=2,11).

Registam-se ainda diferenças estatisticamente significativas num dos itens da Clivagem da Imagem dos Outros, o item “18. Os meus sentimentos relativamente aos que me são próximos mantêm-se constantes” (escala invertida) ($p=0,037$), cuja média foi superior no grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo populista de esquerda (média=2,26), seguindo-se o grupo de participantes que esteve exposto ao estímulo não populista (média=2,08) e finalmente o grupo que foi exposto ao estímulo populista de direita (média=1,72)

Nenhum dos restantes 21 itens apresentou resultados estatisticamente significativos para o nível de significância definido, conforme se pode constatar pela análise da Tabela 4.

Tabela 4

Comparação das dimensões em estudo e respectivos itens em função da exposição ao tipo de estímulo

	Populista Direita (n=53)		Populista Esquerda (n=47)		Não Populista (n=51)		p
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp	
Total da Escala (Splitting Index)	2,12	0,56	2,33	0,67	2,30	0,53	0,191
Clivagem da Imagem do Self	2,50	0,74	2,73	0,83	2,85	0,81	0,059
1. Sinto-me diferente em relação a mim próprio quando estou com pessoas diferentes.	1,91	1,15	2,23	1,24	2,63	1,25	0,008
5. Os meus sentimentos em relação a mim próprio mudaram radicalmente.	2,72	1,41	3,09	1,49	3,14	1,36	0,266
7. As diferentes partes da minha personalidade são difíceis de conjugar.	2,60	1,29	2,89	1,26	2,96	1,20	0,327
11. Por vezes não tenho a certeza sobre quem sou eu.	2,25	1,37	2,47	1,38	2,53	1,33	0,450
12. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio são muito fortes, mas podem mudar de	2,57	1,26	2,62	1,26	2,69	1,30	0,900
14. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio não mudam facilmente.	2,11	1,07	2,81	1,45	2,75	1,28	0,015
16. Por vezes sinto-me separado pelos meus sentimentos acerca de mim próprio.	2,72	1,35	2,51	1,25	2,65	1,25	0,712
24. A pessoa que eu sou depende de como me sinto.	3,11	1,42	3,19	1,51	3,46	1,42	0,432
Clivagem da Imagem da Família	1,82	0,80	1,85	0,89	1,77	0,72	0,966
2. A minha mãe tem falhas, mas nunca duvidei do amor dela por mim.	1,62	1,23	1,62	1,09	1,53	1,06	0,795
4. Os meus pais sempre cuidaram das minhas necessidades	1,91	1,32	1,77	1,25	1,96	1,25	0,604
6. É impossível amar os meus pais o tempo todo.	2,06	1,45	2,02	1,36	1,88	1,26	0,971
8. Os meus sentimentos acerca da minha mãe mudam de dia para dia.	1,57	1,14	1,68	1,09	1,72	1,20	0,617
9. Os meus pais fizeram o melhor que podiam por mim.	1,55	1,08	1,53	1,14	1,73	1,02	0,251
17. A minha relação com a minha família é sólida.	1,94	1,18	2,23	1,29	1,82	1,03	0,263
22. Tenho sentimentos muito misturados (<i>mixed feelings</i>) relativamente à minha mãe.	1,77	1,41	1,70	1,25	1,75	1,21	0,909
23. A minha família foi-me muitas vezes prejudicial.	2,15	1,45	2,23	1,37	1,75	1,09	0,214
Clivagem da Imagem dos Outros	2,05	0,62	2,42	0,79	2,30	0,68	0,049
3. Ser capaz de manter os amigos é um dos meus pontos fortes.	2,00	1,06	2,34	1,07	2,43	1,04	0,068
10. Tenho dúvidas relativamente aos meus amigos mais próximos.	2,15	1,25	2,70	1,32	2,24	1,26	0,077
13. As minhas amizades são quase sempre satisfatórias	2,25	1,14	2,40	1,14	2,47	1,12	0,500
15. Tive muitas amizades duradouras.	1,94	1,18	2,49	1,38	2,29	1,12	0,065
18. Os meus sentimentos relativamente aos que me são próximos mantêm-se constantes.	1,72	0,77	2,26	1,11	2,08	1,00	0,037
19. Sempre tive a ideia de que os meus amigos mais próximos se preocupam comigo.	1,98	0,84	2,32	1,18	2,27	1,15	0,385
20. A minha opinião acerca dos meus amigos raramente muda.	2,36	1,11	2,55	1,06	2,63	1,09	0,436
21. Eu sinto-me quase sempre bem relativamente àqueles que me são próximos.	1,98	0,87	2,28	1,02	1,98	0,93	0,258

(1=Discordo Totalmente | 5=Concordo Totalmente)

5 Discussão

Os resultados obtidos indicam que a exposição dos participantes aos estímulos populista de direita, populista de esquerda e não populista não produz resultados estatisticamente significativos na clivagem, considerada como uma dimensão unidimensional, composta pelas três dimensões em estudo (Clivagem da Imagem do Self, da Família e dos Outros), mas produz resultados estatisticamente significativos numa dessas três dimensões: a Clivagem da Imagem dos Outros.

Os resultados revelam que os participantes expostos ao estímulo populista de esquerda foram aqueles que apresentaram uma Clivagem da Imagem dos Outros mais elevada, parecendo confirmar a hipótese de estudo relativamente a esse grupo.

Contudo, o valor mais baixo obtido pelo grupo que foi exposto ao estímulo populista de direita, mesmo em comparação com o estímulo não populista, parece constituir não apenas a infirmação da hipótese colocada relativamente a esse grupo (que teria um nível de clivagem mais elevado), mas também um resultado oposto ao que é descrito na literatura.

Com efeito, a literatura indica que os populismos (e a maior parte da literatura do campo da psicologia e psicanálise debruça-se especificamente sobre os populismos de direita) desencadeiam um funcionamento arcaico e o recurso a mecanismos de defesa primitivos e não-adaptativos, nomeadamente a clivagem. Encontra-se extensamente descrita a visão clivada do mundo e dos outros que é promovida pelos populistas, com uma perspectiva binária e maniqueísta, e o estabelecimento de uma relação diática hostil com aqueles que não são incluídos no grupo de pertença.

Ora, é precisamente à luz desta relação diática hostil que os resultados deste estudo devem ser interpretados com mais profundidade. Porque esta relação hostil é entre o grupo de pertença e “os outros”, ou seja, os extra-grupo.

Se analisarmos os itens que compõem a dimensão Clivagem da Imagem dos Outros, constatamos que todos eles se referem à imagem de “outros” que são, por natureza, integrantes do grupo de pertença, bem como à relação do próprio com eles. Efetivamente, dos oito itens dessa categoria, quatro referem-se a “amigos”, dois referem-se a “amizades” e os outros dois dizem respeito àqueles “que me são próximos”. Tratam-se, portanto de “outros” que não o próprio, mas que são certamente parte do grupo de identificação do sujeito.

Assim, considerando o que é descrito na literatura, é esperado que as pessoas que sejam expostas a estímulos populistas (e, particularmente, a estímulos populistas de direita)

apresentem respostas mais positivas nestes itens (que se referem a membros do grupo de pertença) do que as que não sejam expostas a esses estímulos. Isto não significa que não apresentem uma imagem mais clivada dos outros, mas apenas que se está a expressar o lado positivo dessa clivagem, isto é, a parte clivada que é percebida como boa.

Deste modo, ainda que em sentido inverso relativamente à leitura de resultados que é preconizada por Gould, Prentice & Aisnlie (1996) para o *Splitting Index*, o resultado mais baixo do grupo exposto ao populismo de direita parece indicar que a exposição a esse estímulo provocou um funcionamento mais clivado.

Esta leitura é consistente com o que se encontra descrito na literatura relativamente à gratificação narcísica que é concedida pela pertença a um grupo, particularmente num grupo populista que exacerba as qualidades dos seus membros em detrimento dos “extra-grupo”. Os membros do grupo são, portanto, valorizados, o que constitui um elemento essencial no contraponto efetuado com os “extra-grupo”. Dado que os participantes responderam relativamente a “outros” pertencentes ao grupo de referência, então será de esperar essa valorização.

Seguindo estas explicações, poderemos então concluir que a exposição a discursos populistas de direita aumenta o recurso ao mecanismo de defesa clivagem, na dimensão Clivagem da Imagem dos Outros.

Utilizando o mesmo raciocínio relativamente ao grupo que foi exposto ao estímulo populista de esquerda, que obteve os resultados mais elevados na Clivagem da Imagem dos Outros, podemos então concluir que a exposição a discursos populistas de esquerda não aumenta o recurso à clivagem, na dimensão Clivagem da Imagem dos Outros.

Estes resultados podem derivar do facto de o populismo de esquerda – pese embora possuir também uma visão binária e maniqueísta, e estabelecer uma relação diática hostil com “os outros” (que neste caso são os ricos e poderosos) – na sua essência defender o humanismo e a igualdade, valores que habitam os antípodas da clivagem. Porque o humanismo e a igualdade implicam sentir empatia pelo outro (por qualquer outro) e aceitá-lo na sua globalidade, ao contrário do funcionamento clivado, que exclui ou anatemiza o outro.

É também do mesmo modo que interpretamos os resultados do item “18. Os meus sentimentos relativamente aos que me são próximos mantêm-se constantes” (escala invertida), cujos resultados são estatisticamente significativos. O item refere-se a pessoas do grupo de referência, pelo que se regista uma clivagem positiva (com resultados mais baixos no *Splitting Index*) por parte dos participantes que foram expostos ao estímulo populista de direita; no polo

oposto, os que foram expostos ao populismo de esquerda não registam essa clivagem positiva, o que se poderá explicar pelos motivos acima expostos.

Relativamente aos itens “1. Sinto-me diferente em relação a mim próprio quando estou com pessoas diferentes” e “14. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio não mudam facilmente” (escala invertida), ambos pertencentes à dimensão Clivagem da Imagem do Self, há a registar em ambos que o grupo exposto às mensagens populistas de direita tem os valores de clivagem mais baixos. Relacionamos este resultado com o reforço do narcisismo grupal e individual que é imprimido pelos populistas, o que deverá provocar respostas consistentemente mais favoráveis quando os sujeitos são diretamente questionados em relação a si próprios, fazendo com que estes rejeitem qualquer proposição que sintam que os coloca em questão.

No primeiro desses dois itens, o grupo exposto ao populismo de esquerda apresenta o segundo valor mais alto, o que poderá ser também explicado pelo reforço do narcisismo promovido pelo populismo de esquerda, embora de forma não tão acentuada como com o grupo anterior, aspeto que não se verificará no grupo exposto ao texto não populista.

No caso do item “14. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio não mudam facilmente”, a distância entre os resultados dos não populistas e os populistas de esquerda é relativamente baixa, sendo apenas elevada a distância entre estes dois grupos e aquele que foi exposto ao populismo de direita. Assim, podemos dizer que enquanto neste último grupo os participantes parecem fazer um esforço por afastar qualquer ideia que os possa colocar em causa, tal não sucede nos outros dois grupos.

6 Considerações Finais

O estudo desenvolvido nesta dissertação identificou as bases teóricas na literatura que identificam os populismos como possuindo características que desencadeiam funcionamentos primitivos nas pessoas, elicitando o recurso a mecanismos de defesa não-adaptativos, designadamente a clivagem. Contudo, essas bases teóricas assentam na experiência clínica e na reflexão sobre a sociedade, não existindo estudos empíricos sistemáticos que suportem essas perspectivas.

Com este estudo, procurámos realizar uma abordagem empírica sistemática ao fenómeno, para o que utilizámos um delineamento quasi-experimental, utilizando como estímulos três diferentes textos (populista de direita, populista de esquerda e não populista), que constituíram a variável independente. A avaliação do recurso à clivagem foi realizada logo após o estímulo, através de um questionário de autopreenchimento, o *Splitting Index*.

Os resultados encontrados, de modo paradoxal relativamente ao delineado no *Splitting Index*, permitem concluir que as pessoas que foram expostas ao estímulo populista de direita apresentam respostas mais clivadas comparativamente com os que foram expostos aos estímulos populista de esquerda e não populista. Este resultado paradoxal resulta, em nosso entender, de uma limitação deste estudo, que é a utilização de um questionário que foi construído para avaliar o recurso a mecanismos de defesa que tipicamente são estáveis ao longo do tempo e, portanto, têm efeito na forma como as pessoas estabelecem e mantêm as suas relações. Assim, a forma como as questões são colocadas no questionário presumem (corretamente) que relações de pior qualidade com os amigos, a insatisfação com as amigas e a volatilidade nas relações com as pessoas mais próximas são indicadores de um funcionamento clivado. Logo, os resultados mais elevados na resposta a essas questões permitem concluir de forma razoavelmente fidedigna que essas pessoas recorrem mais à clivagem.

Mas quando o que está em causa não é o modo como as pessoas se relacionam com as outras de forma estável, mas a identificação do modo como em determinado momento as pessoas percebem a sua relação com os outros (que é o que se procura manipular neste estudo), a escala não pode ser interpretada da mesma forma.

De todo o modo, o que se conclui de forma clara neste estudo é que a exposição dos participantes a diferentes textos envolvendo a temática do populismo resulta em diferenças significativas ao nível da Clivagem da Imagem dos Outros.

A nossa interpretação é que essa clivagem surge, nas respostas ao questionário, de forma positiva, isto é, pela valorização elevada (clivada) do grupo de referência. Presumindo-se, portanto, que questões relativamente a “outros” que fossem externos ao grupo de referência fossem suscetíveis de apresentar níveis de clivagem acentuados, mas neste caso pela negativa (com uma imagem negativa desses extra-grupo).

Outra limitação que identificamos no estudo é o facto de os discursos populistas serem apresentados em textos escritos, o que lhes retira parte importante da capacidade para envolver e entusiasmar os participantes com as mensagens que são expressas, reduzindo as possibilidades de identificação com a mensagem. Um aspeto importante no populismo (como, aliás, na comunicação humana em geral) são os conteúdos comunicacionais não textuais, que estiveram ausentes dos estímulos utilizados.

Ainda assim, é de assinalar que os estímulos produziram resultados estatisticamente significativos na eliciação da clivagem, mesmo apesar de serem apenas textos escritos. Isto leva-nos a concluir que as mensagens populistas (mesmo que limitadas à sua forma escrita) possuem componentes suficientemente fortes para promover o recurso à clivagem. Se assim é com estes estímulos limitados, podemos supor que quando se junta os ingredientes performativos do líder populista, então a capacidade para promover o recurso à clivagem (e, provavelmente, para promover a regressão a formas mais primitivas de funcionamento e as suas defesas não-adaptativas) será fortemente potenciada.

Nestes tempos em que vemos o populismo a crescer de forma tão significativa e a fazer já (quase) parte do espectro político normal, estas conclusões não podem deixar de nos trazer uma grande preocupação.

Futuras investigações que superem as limitações identificadas neste estudo poderão contribuir para um melhor conhecimento e compreensão deste fenómeno. Em particular, em vez de se utilizar textos escritos como estímulo, poder-se-á utilizar vídeos gravados por atores, adicionando assim elementos não textuais importantes para que a mensagem tenha maior impacto e, conseqüentemente, os resultados das mensagens populistas possam ser melhor avaliados. Relativamente à forma de avaliação do recurso a mecanismos de defesa primitivos, a utilização de questões situacionais e de questões que remetam para sentimentos relativamente pessoas, grupos ou aspetos com os quais os participantes não tenham uma relação direta poderão contribuir para a obtenção de resultados mais inequívocos. A utilização de questões indiretas, como as geralmente utilizadas para investigar as atitudes implícitas, poderá também fornecer bons resultados.

Uma última ideia para o desenvolvimento de estudos futuros é a realização de investigação em sentido inverso ao que aqui realizámos, isto é, desenvolver estudos que visem apurar quais as mensagens que elicitam o recurso a esquemas de funcionamento mais evoluídos, em particular junto daquelas pessoas que já se encontram “contaminadas” pelo populismo. O populismo leva à radicalização das pessoas e da sociedade e é fundamental compreender como é que se pode des-radicalizar. Infelizmente, é uma área que cada vez mais urge estudar.

7 Referências

- Adorno, T. (1951). Freudian theory and the pattern of fascist propaganda. *Political Sociology and critique of politics*, 118-137.
- Berman, S. (2019a): Populism is a symptom rather than a cause: Democratic disconnect, the decline of the center-left, and the rise of populism in Western Europe. *Polity*, 51(4), 000–000. doi: 10.1086/705378
- Berman, S. (2019b): Populism and the decline of social democracy. *Journal of Democracy*, 30(3), 5-19. doi:10.1353/jod.2019.0038
- Covington, C. (2018): Populism and the danger of illusion, *Contemporary Psychoanalysis*, 54(2), 250–265. doi: 10.1080/00107530.2018.1458278
- Crociani-Windland, L., & Hoggett, P. (2012). Politics and affect. *Subjectivity*, 5(2), 161-179. doi:10.1057/sub.2012.1
- Freud, S. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Ed. 2006, Vol.18 (pp. 77-154) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Ed. 1996, Vol. 21 (pp. 67-150). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930). *A civilização e os seus descontentamentos*. Ed. 2005, Mem Martins: Europa-América.
- Geffner, A.H., Altman, N. Benjamin, J., Jacobs, T. & Wachtel, P. (2006) Is politics the last taboo in psychoanalysis? In L. Layton, N. C. Hollander & S. Gutwill (Eds.), *Psychoanalysis, class and politics: Encounters in the clinical setting* (pp. 166-194). New York: Routledge.
- Gould, J. R., Prentice, N. M. & Aisnlie, R. C. (1996) The splitting index: Construction of a scale measuring the defense mechanism of splitting, *Journal of Personality Assessment*, 66(2), 414-430. doi: 10.1207/s15327752jpa6602_18
- Hameleers, M. & Vreese, C. H. (2018): To whom are “the people” opposed? Conceptualizing and measuring citizens’ populist attitudes as a multidimensional construct, *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 1-20. doi: [10.1080/17457289.2018.1532434](https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1532434)
- Hoffman, L. (2018) Psychoanalytic perspectives on populism, *Contemporary Psychoanalysis*, 54(2), 266-289. doi: 10.1080/00107530.2018.1458347
- Hoggett, P. (2018). Ressentiment and grievance. *British Journal of Psychotherapy*, 34(3), 393-407. doi:10.1111/bjp.12365
- Kaltwasser, C. R., Taggart, P. A., Espejo, P. O., & Ostiguy, P. (Eds.). (2017). *The Oxford handbook of populism*. Oxford: Oxford University Press.

- Kemp, M. (2018): "First they came for the muslims": Psychoanalytic reflections on the threat and the challenge of contemporary populismo. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 1-24. doi: 10.1002/aps.1589
- Laclau, E. (2005). *On populist reason*. London: Verso.
- Lee, B. (Ed.) (2017) *The dangerous case of donald trump: 27 psychiatrists and mental health experts assess a president*. New York: St. Martin's Press.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística: Com o SPSS Statistics* (6ª ed.). Lisboa: ReportNumber. ISBN 978-989-96763-4-3
- Miller, I. S. (2018). Beyond anti-thinking: Psychoanalysis as politics. *The American Journal of Psychoanalysis*. doi:10.1057/s11231-018-9170-5
- Mols, F. e Jetten, J. (2016). Explaining the appeal of populist right-wing parties in times of economic prosperity. *Political Psychology*, 37(2), 275-292. doi: 10.1111/pops.12258
- Mouffe, C. (2018). *For a left populism*. London: Verso.
- Mudde, C. (2004). The populist zeitgeist. *Government and Opposition*, 39(4), 541-563. doi:10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x
- Mudde, C., & Kaltwasser, C. R. (2017). *Populism: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Mudde, C., & Kaltwasser, C. (2018). Studying populism in comparative perspective: Reflections on the contemporary and future research agenda. *Comparative Political Studies*, 51(13), 1667–1693. doi: 10.1177/0010414018789490
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N., (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Lisboa: Temas e debates.
- Piketty, T. (2018). Brahmin left vs merchant right: Rising inequality & the changing structure of political conflict (evidence from France, Britain and the US, 1948-2017). [WID.world Working Paper Series, n. 2018/7]. World Inequality Lab. Recuperado de <http://piketty.pse.ens.fr/files/Piketty2018.pdf>
- Pracana, C. (2001). *O líder sedutor*. Lisboa: Climepsi.
- Reich, R. B. (2012): *Beyond outrage: What has gone wrong with our economy and our democracy, and how to fix it*. New York: Vintage Books.
- Segal, H. (1987). Silence is the real crime. *International Review of Psycho-Analysis*, 14(1), 3-12.
- Sociedade Portuguesa de Psicanálise (2018). *Carta aberta de membros da Sociedade Portuguesa de Psicanálise sobre situação política no Brasil*. Lisboa. Recuperado de <https://www.sppsicanalise.pt/2018/page/2/>

Volkan, V. (2001). Transgenerational transmissions and chosen traumas: An aspect of large-group identity. *Group Analysis*, 34(1), 79–97. doi:10.1177/05333160122077730

Anexo A – Texto Populista de Direita

Discurso político

O terrorismo islâmico está a consumir grandes porções do Oriente Médio. E há lá pessoas que voltaram a um tempo medieval, de violência e horror, e que em muitos casos estão a degolar as pessoas de outras religiões, sobretudo dos cristãos.

Por isso, não me venham falar de ser politicamente correto. Porque, simplesmente, muito deles odeiam-nos. Querem destruir o Ocidente e querem destruir-nos a nós. Têm-nos um ódio imenso. São defensores de um extremismo islâmico radical, onde as mulheres são tratadas de forma terrível. E em grandes mesquitas do Médio Oriente gritam slogans de “morte ao Ocidente”.

E aquilo que nós vemos é que agora muitos querem vir para o Ocidente, onde também querem tratar horrivelmente as suas mulheres. E muitos deles estão radicalizados e são uma ameaça à segurança das pessoas.

Porque nós sabemos bem atentados terroristas em todo o ocidente. Com uma arma de fogo, com uma faca, ou mesmo apenas a conduzir um carro, foram massacradas muitas e muitas pessoas inocentes. Pessoas como vocês. Pessoas de bem que foram massacradas por terroristas islâmicos.

E não podemos ficar indefesos, à espera que chegue qualquer terrorista que nos queira atacar. E qualquer pessoa que não compartilhe nossos valores, deve ser barrada à entrada.

Quem acredita que a lei da Sharia suplanta a nossa lei, não tem espaço neste país. Se querem ingressar na nossa sociedade, devem abraçar a nossa sociedade, os nossos valores e nosso modo de vida tolerante.

É que o discurso politicamente correto impede as pessoas de dizer o que realmente pensam. E impede o nosso país de fazer o que precisa de ser feito.

Porque nós não podemos aceitar que entrem pelas fronteiras sem controlo imigrantes que vêm para fazer o mal, para praticar crimes, para viver à custa de subsídios e sem respeitar o nosso modo de vida.

É também o que se passa com algumas pessoas no nosso país. Mas isso não se pode dizer, porque não é politicamente correto.

Mas eu digo o que tem de ser dito, porque a elite política pode achar que não é politicamente correto, mas eu não represento a elite política corrupta; eu represento o povo. Represento as pessoas honestas que trabalham. E não tenho medo de dizer as verdades.

E a verdade é que há no nosso país quem se dedique ao crime ou viva à custa de subsídios que são pagos com os nossos impostos. Ou que vendem roupas falsificadas nas feiras, sem pagarem impostos e a fazer concorrência desleal aos nossos comerciantes. E depois ainda recebem subsídios. Mas ninguém pode dizer nada porque senão estamos a discriminar por serem ciganos ou qualquer coisa do género.

Mas não é uma questão de discriminação, é uma questão de igualdade. Se cometem um crime, têm de ir presos. Não pode ser como é agora, que é o polícia que se arrisca a ir preso se disparar contra o criminoso. A polícia fica de mãos e pés atados, porque as leis protegem mais os criminosos do que a polícia.

Não podemos tratar os criminosos como se fossem excluídos da sociedade, vítimas da sociedade. São responsáveis pelo que fazem e têm de ser punidos.

E os políticos que nos têm governado não têm a inteligência de fazer o que precisa de ser feito. Mas as pessoas sabem que isto não pode continuar e não vai continuar. E eu não vou permitir que continue.

Anexo B – Texto Populista de Esquerda

Discurso político

Existe uma pequena minoria de grandes corporações e pessoas que têm muito dinheiro e desfrutam de privilégios fiscais significativos. Estamos orgulhosos que essa oligarquia tenha medo de nós.

Porque nós não somos comprados, nem cedemos às pressões ou insultos dos poderosos e de seus empregados. Somos os únicos sérios, que fazem propostas para defender as pessoas comuns.

E estou muito orgulhoso de que nós tenhamos dito as verdades.

Tenhamos dito que os donos dos órgãos de comunicação social têm mais poder do que o Parlamento; tenhamos dito que é um escândalo que haja banqueiros que podem comprar partidos políticos e órgãos de comunicação social; que é uma vergonha que haja empresas energéticas que possam comprar representantes políticos, contratando ex-ministros para os seus Conselhos de Administração; que tenhamos dito que há empresas multinacionais que maltratam os trabalhadores e não pagam impostos neste país, apesar de aqui ganharem muitos lucros, e que essas empresas têm mais poder do que o Parlamento.

E ninguém nos contradisse. Ninguém nos contradisse porque sabem que é verdade.

Aqueles que se dizem patriotas, mas são lacaios dos ricos, e que quando falamos de as multinacionais pagarem impostos, eles olham para o lado, vamos dizer-lhes o que são: são antipatriotas.

Há quem use palavras fortes na política, como traidor. Claro que há traidores à pátria, traidores ao nosso país. Trair o nosso país é privatizar uma empresa pública como da eletricidade, como fizeram os Primeiros-Ministros dos dois maiores partidos.

Trair o nosso país é deixar-se comprar por uma empresa energética para defender os seus interesses, fazendo com que o povo pague mais nas suas faturas energéticas. Porque há corrupção institucional permitida e traidores à pátria que acabam nos Conselhos de Administração dessas empresas.

Porque os ricos dizem que as classes sociais não existem, mas eles (os ricos) têm uma perfeita consciência de classe e compram políticos para defender a sua classe.

Mas a classe que nós defendemos é outra: não são os poderosos, mas o povo.

O nosso povo são as pessoas comuns, o povo dos bairros e cidades deste país. São as pessoas que acordam cedo para ir trabalhar, procurar trabalho ou realizar os seus pequenos negócios. São os jovens que tiveram que emigrar e são aqueles que sofrem desemprego e precariedade no nosso país. São as famílias despejadas e os avós que esticam sua pensão para ajudar seus filhos e netos. O nosso povo são as mulheres que cuidam sozinhas da sua família ou ajudam um membro dependente da família sem receberem ajuda; e são as professoras e os professores; e são os profissionais de saúde; e são os estudantes sem bolsa de estudos.

E essas são as pessoas que queremos encarar com orgulho. E essas pessoas sabem, mesmo que não votem em nós, que não traímos a nossa palavra ou os nossos princípios.

Isso é respeitabilidade.

Porque hoje, no nosso país, existem dezenas de ex-ministros nos Conselhos de Administração das maiores empresas. É uma forma de corrupção legal e um insulto à democracia.

E nós não aceitamos que o nosso país seja dominado por uma casta de políticos corruptos que nos querem roubar a nossa dignidade.

Anexo C – Texto Não Populista

Discurso político

Alguma coisa está a acontecer quando homens e mulheres de Norte a Sul se mobilizam por algo novo.

Alguma coisa está a acontecer quando tantos jovens em idade e espírito, que nunca participaram em política antes, aparecem em massa porque sabem, nos seus corações, que desta vez será diferente.

Alguma coisa está a acontecer quando as pessoas votam não apenas no partido ao qual pertencem, mas nas esperanças que têm em comum.

Alguma coisa está a acontecer quando – sejamos ricos ou pobres, negros ou brancos, latinos ou asiáticos; sejamos do Norte ou do Sul, do litoral ou do interior – estamos prontos para levar este país numa direção fundamentalmente nova.

É o que está a acontecer ao nosso país: mudança!

Todos podemos ser a nova maioria que pode levar este país a sair de um longo impasse político.

As pessoas – sejam de direita, de esquerda ou independentes – que estão cansadas da divisão e confronto que envolve a política, que sabem que podemos discordar sem ser desagradáveis, que entendem que, se mobilizarmos as nossas vozes para buscar algo melhor, não há problema que não possamos resolver, não há destino que não possamos cumprir.

Juntos, podemos superar os problemas do nosso sistema de saúde. Podemos reunir médicos e pacientes, trabalhadores e serviços de saúde, a direita e a esquerda, e podemos trabalhar juntos para resolver os problemas.

Juntos, podemos acabar com os incentivos fiscais para as empresas que enviam os nossos empregos para o exterior e podemos melhorar os salários dos trabalhadores.

Podemos aproveitar a capacidade dos cientistas, cidadãos e empreendedores para libertar este país da dependência do petróleo e salvar nosso planeta de um ponto sem retorno.

E podemos fazer tudo isso sem nunca usarmos a ameaça terrorista como uma maneira de assustar os eleitores, porque o medo do terrorismo não pode ser usado como uma tática para ganhar uma eleição.

Mas, isso sim, devemos estar todos unidos contra as ameaças comuns do século XXI: terrorismo, mudanças climáticas, pobreza e doenças.

Estou certo que todos os políticos partilham estes objetivos. Todos têm boas ideias e todos são patriotas que servem este país o melhor que sabem.

Mas a razão pela qual a nossa posição é diferente da dos restantes é que não se trata apenas do que eu proponho fazer. É também sobre o que você e as pessoas que desejam o melhor para este país podem fazer para mudá-lo.

É disso que se trata.

Sabemos que a batalha pela frente será longa. Mas lembremo-nos sempre de que, independentemente de quais os obstáculos no nosso caminho, nada pode impedir o poder de milhões de vozes que pedem mudanças.

Foi-nos dito que não podemos fazer isso. Foi-nos que é impossível.

Mas quando nos dizem que não podemos ou que não devemos tentar, sabemos que há algo no interior de cada um de nós que nos diz o contrário.

Há algo no interior de nós que nos diz: sim, nós podemos. Juntos nós podemos.

Podemos ter mais igualdade e justiça social.

Sim, podemos ter mais oportunidades e prosperidade.

Sim, nós podemos fazer um país melhor, fazer um mundo melhor.

Anexo D – Questionário: *Splitting Index*

Por favor, responda às questões seguintes assinalando com uma cruz (X) a sua opção, utilizando uma escala de 1 a 5, em que **1 representa Discordo Totalmente e 5 representa Concordo Totalmente**.

1. Sinto-me diferente em relação a mim próprio quando estou com pessoas diferentes.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

2. A minha mãe tem falhas, mas nunca duvidei do amor dela por mim.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

3. Ser capaz de manter os amigos é um dos meus pontos fortes.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

4. Os meus pais sempre cuidaram das minhas necessidades

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

5. Os meus sentimentos em relação a mim próprio mudaram radicalmente.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

6. É impossível amar os meus pais o tempo todo.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

7. As diferentes partes da minha personalidade são difíceis de conjugar.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

8. Os meus sentimentos acerca da minha mãe mudam de dia para dia.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

9. Os meus pais fizeram o melhor que podiam por mim.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

10. Tenho dúvidas relativamente aos meus amigos mais próximos.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

11. Por vezes não tenho a certeza sobre quem sou eu.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

12. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio são muito fortes, mas podem mudar de um momento para o outro.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

13. As minhas amigas são quase sempre satisfatórias.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

14. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio não mudam facilmente.

1 2 3 4 5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

15. Tive muitas amigas duradouras.

23. A minha família foi-me muitas vezes prejudicial.

1

2

3

4

5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

24. A pessoa que eu sou depende de como me sinto.

1

2

3

4

5

(Discordo Totalmente)

(Concordo Totalmente)

Anexo E – Escalas Invertidas e Dimensões do Questionário

1. Sinto-me diferente em relação a mim próprio quando estou com pessoas diferentes. (S)
2. A minha mãe tem falhas, mas nunca duvidei do amor dela por mim. (-) (F)
3. Ser capaz de manter os amigos é um dos meus pontos fortes. (-) (O)
4. Os meus pais sempre cuidaram das minhas necessidades (-) (F)
5. Os meus sentimentos em relação a mim próprio mudaram radicalmente. (S)
6. É impossível amar os meus pais o tempo todo. (F)
7. As diferentes partes da minha personalidade são difíceis de conjugar. (S)
8. Os meus sentimentos acerca da minha mãe mudam de dia para dia. (F)
9. Os meus pais fizeram o melhor que podiam por mim. (-) (F)
10. Tenho dúvidas relativamente aos meus amigos mais próximos. (O)
11. Por vezes não tenho a certeza sobre quem sou eu. (S)
12. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio são muito fortes, mas podem mudar de um momento para o outro. (S)
13. As minhas amizades são quase sempre satisfatórias (-) (O)
14. Os meus sentimentos relativamente a mim próprio não mudam facilmente. (-) (S)
15. Tive muitas amizades duradouras. (-) (O)
16. Por vezes sinto-me separado pelos meus sentimentos acerca de mim próprio. (S)
17. A minha relação com a minha família é sólida. (-) (F)
18. Os meus sentimentos relativamente aos que me são próximos mantêm-se constantes. (-) (O)
19. Sempre tive a ideia de que os meus amigos mais próximos se preocupavam comigo. (-) (O)
20. A minha opinião acerca dos meus amigos raramente muda. (-) (O)
21. Eu sinto-me quase sempre bem relativamente àqueles que me são próximos. (-) (O)
22. Tenho sentimentos muito misturados (*mixed feelings*) relativamente à minha mãe. (F)
23. A minha família foi-me muitas vezes prejudicial. (F)
24. A pessoa que eu sou depende de como me sinto. (S)

Notas:

(-) = item invertido

(S) = Clivagem do Self

(F) = Clivagem da imagem da Família

(O) = Clivagem da imagem dos Outros